

## **Na minha casa tem uma máquina do tempo: arte e artesanaria por entre os tempos**

Isabella Alves Guimarães

*Graduanda em Antropologia Social e Cultural na Universidade Federal de Pelotas.*

*Bolsista FAPERGS.*

*bellaaguimaraes@gmail.com*

*Simpósio Temático nº 19 Escrivências Dissidentes E Subalternas Na Literatura:  
Representatividade E Subversão Do Cânone*

### **RESUMO**

Em novembro de 2020 emerge das bagunças e chega em minhas mãos uma máquina PFAFF de costura manual do século 19, a partir dela me percebo costurada a múltiplas sujeitas e temporalidades. A proposta dessa escrita é exercitar as possibilidades de uma escritura científica e literária, que evocam trajetórias, causos, técnicas e pedagogias. Acompanhada das escrituras e teorias de Conceição Evaristo, Glória Anzaldúa, Lélia Gonzalez, Ochy Curiel e Gayatri Spivak analiso quais narrativas comumente são vinculadas a máquina de costura, arte têxtil e trabalhos manuais ou ditos “femininos” e o que essa narrativa oblitera, buscando assim visibilizar artistas e artesanias costurada por mãos não-brancas e não-europeias dissidentes.

**Palavras-chave:** Teoria Feminista, Arte Têxtil, Artesania, Trajetória, Retomada.

### **ABSTRACT**

By november 2020, rise up from the messes and come to my hands a PFAFF manual sewing machine from the 19th century, as of it I perceive myself sewed up to multiples subjects and temporalities. The proposal of this article is to evoke trajectories, stories, techniques and pedagogies, exercising possibilities of literary and scientific writing. Accompanied by the writings of Conceição Evaristo, Glória Anzaldúa, Lélia Gonzalez, Ochy Curiel and Gayatri Spivak, I analyze wich narratives generally are vinculated to a sewing machine, textile art and hand work or feminine gender work as generally said and what this narrative efface, searching visibilize artists and their handicrafts sewed by non-white and non-european hands.

**Keywords:** Feminist Theory, Textile Art, Handicraft, Trajectory



### **Tirando do fundo do baú e trazendo de volta as mãos**

Era outubro e a Zoé estava molhando suas suculentas, que são seu sustento, e começamos a conversar sobre os preços e compras; minha namorada e eu queríamos comprar uma máquina de costura, na hora ela nos encara e diz:

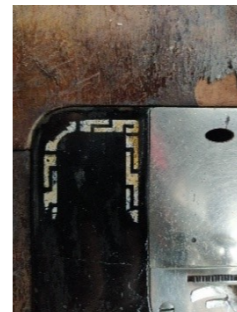
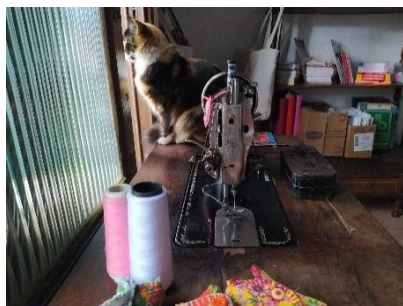
- Vou resolver o problema de vocês!

Ela adora dizer essas coisas... Ela nos leva pra garagem, que mais parece um depósito de tralha, entulho, móveis e roupas. Ela chama a gente pra ir bem lá no fundo. Ela nos mostra uma mesa, a gente olha pra ela sem entender, e ela fala:

- Vai, abre aí pra você ver o que tem! Vai gurias!

e começa a abrir a mesa...

Ela mexe aqui, mexe dali abre o tampo na mesa e cavuca algo dentro dela, pega firme e traz pra luz do dia uma máquina de costura. A mesa de madeira cor castanho escuro, gasta pelo tempo e pela umidade, algumas partes estão estufadas e a lâmina de madeira que tem contato com a máquina está falha e quebradiça, a sua base é de ferro e está enferrujada, é onde fica o pedal. A máquina é de ferro, preta, tem um desenho curvilíneo, com escritas em dourado “PFAFF” e “31” e embaixo menor “30”, tem alguns desenhos geométricos na base de ferro da máquina, o volante é prata e por ele passa um fio de couro que se conecta no pedal.



(Acervo pessoal – Máquina de Costura PFAFF)



(Acervo pessoal – Manual de uso da máquina)

Colocamos a máquina dentro de casa e prontamente liguei pra minha avó pra mostrar ela a máquina, ela sugere alguns testes, mas o tempo e a umidade a fizeram dura, enferrujada. A máquina era da avó da Zoé, ela disse que é uma relíquia de sua vóia. Outro dia, me viu sentada costurando, sorriu largo e me disse que sua avó está feliz porque alguém está manuseando a máquina.

O fazer antropológico passa por reaprender a experienciar a vida a partir da relação com o outro, nesse processo o questionamento dos mais cômodos dos hábitos é o estranhamento necessário para atentar-se ao ambiente, mapeando no diário de campo os passos de aprendizagem do eu-outro, eu-coisa, outro-coisa, etc. A disposição ao diálogo, e especialmente o ouvir são as formas da antropóloga de alongar as relações, dando assim continuidade. A escrita e construção narrativa, é um elemento chave para o entendimento das relações, onde podemos nos adentrar nas reflexões críticas na companhia de outras escritoras e nos atentar; é também uma maneira de continuar as relações e as histórias brotadas dentro dessas práticas, dando-lhes uma vida circulante. Tentando explicar pra minha avó Dag o que é antropologia e qual é o meu trabalho ela diz:

- Ahhh, acho que intindi o que cê faz pega histórias lá do fundo do báu né?! E conta elas...

Diz isso, balançando a cabeça como se a ideia fosse assentada em seu corpo. A vó Dag, ou Dagmar, é uma senhora que gosta muito de amar a vida mesmo que difícil, tenta sempre respeitar as pessoas que estão à sua volta, mesmo que isso entre em conflito com suas crenças pessoais, de uma sensibilidade ética da qual admiro muito.

Sensibilidade essa que é expressa ao longo de sua vida por diversas materialidades artísticas, como pintura, crochê, tecelagem, corte e costura, uma pessoa que trabalha com as mãos. Tem seus pés cravados no sul da Bahia, descendente do povo indígena Tupinambá, hoje mora em Minas Gerais onde trabalhou por vários anos como costureira em uma oficina de cintas em Belo Horizonte, além do trabalho formal também faz remendos, recostura e transformações das roupas dos moradores do seu prédio, onde ela morava no último andar, junto da maquinária de velho elevador. Desde pequena a artesanaria tecia seu cotidiano, crescida com mais 12 irmãs e irmãos em chão de barro, ela me diz que elas se criavam, quem cuidou dela foram as irmãs e depois ela cuidou das irmãs e irmãos e me diz que ainda é assim... vira e mexe, pergunto coisas a ela que de início não lembra ou fica na dúvida, ela me diz pra segurar a pergunta e leva para seus irmãos e depois me conta. Agora aposentada, tivemos tempo para bater perna na rua, ver como comprar uma máquina e como cada uma funciona e ver juntas o álbum de fotos da família.

Após a volta as mãos da máquina de costura e inquietações provenientes de intervenções feministas e antirracista nas escolas, em uma ação no ensino médio me vi perdida com as alunas quando as perguntava sobre a história de Pelotas ou o ofício de doceira, sei da história de Pelotas e as implicações do ofício de doceiras, tenho o entendimento dessas práticas na abstração, não conheço e nunca acompanhei a prática de uma doceira. Me vi perdida pois ao questionar e incentivar uma reflexão autocrítica percebia que eu não havia feito o “trabalho de casa” seguindo os preceitos teóricos do qual me embasava, a preocupação era a temática e o conteúdo. Há uma contradição entre a teoria que me guia e a prática que conheço e performo, acostumada aos processos de abstração da escola e da universidade, e familiarizada com a educação bancária onde o conteúdo e temática são transmitidos sem um posicionamento de corporeidade do educador em relação aos alunos. Segundo Valerie Walkerdine (1995), o pensamento abstrato é o ponto mais alto do ser civilizado, onde “raciocínio abstrato” deixa de levar em conta a produção do pensamento nas práticas reais” p.209 distanciando o sujeito do cotidiano, das relações geopolíticas e das relações intergeracionais, separando a vida do conhecimento. A urgência de costurar vida cotidiana, práticas educativas e os retalhos das que vieram antes se tornam prioridade no

fazer científico e narrativo, nesse caminho ando de mãos dadas com Conceição Evaristo (2005, 2020) que propõe a partir da sua produção literária a escrevivência como maneira de narrar o cotidiano imbricado nas relações sociais, políticas e étnicas. É importante pontuar que a vivência, e portanto, a escrevivência não se trata da escrita de um indivíduo mas sim de uma sujeita costura a múltiplas tramas, dramas, estruturas, acessos e precariedade. A vivência não é apenas aquilo que se acontece com o próprio umbigo mas sim a capacidade de se afetar e ser afetadas pelas situações que acontecem ao seu entorno, Conceição sempre enfatiza que a escrevivência é uma maneira de humanizar as pessoas de trazer de volta as multiplicidades do ser vivente que compartilha a vida com seres vivos e encantados.

### **Alinhamento desajustado**

A máquina não simplesmente funcionou, as ferrugens, o tempo a fizeram dura, para amolecer suas engrenagens e seguir seus movimentos pontuais foi necessário incovar várias mulheres costureiras. Assim que a máquina chegou da Oficina fiz uma chamada de vídeo com minha avó e ela me dizia repetidamente:

- Tudo tem que tá bem alinhado para funcionar.

Ela me mostra o alinhamento de sua máquina, a posição das linhas, o caminho que a linha tem que fazer até a agulha. Mas não foi o suficiente para que eu conseguisse manusear a máquina, não entendia o que significava “alinhado”. Nos dias seguintes Zoé e sua amiga Marlize continuaram a chamar minha atenção para o alinhamento, enquanto tentavam me explicar o que isso significava, lembravam de suas mães e avós as ensinando a alinhar, pedalar e a ouvir.

A Máquina de costura funciona em uma espécie de sintonia com o corpo, precisa existir uma afinidade entre o corpo e a máquina, um alinhamento entre esses dois corpos. O que minha avó me mostrava era apenas uma parte do alinhamento, seu corpo estava alinhado a outra máquina, o celular. Então, eu tinha a missão de encontrar o alinhamento no erro como tentativa. Das primeiras vezes que tentei fazer a máquina funcionar eu a forçava, ela travava e seguia pedalando, ficavam vários fios soltos e a costura não era feita, era preciso parar e tentar de novo.

Cada gesto, movimento que escapa da minha avó e da Zoé são como pistas do caminho para o entendimento da técnica de corpo. Para Mauss (1934) o corpo é um instrumento técnico, isso significa que o corpo interage com o próprio corpo, com as coisas, com o ambiente a fim de “servir-se de seu corpo” p.401 para o aprimoramento e refinamento da técnica e do corpo. O caráter da técnica está em sua especificidade, aprender o alinhamento e a afinidade com a máquina tem um caráter específico: *tem um jeito, não é força é jeito*. As técnicas de corpo são um saber fazer com o corpo que está tão impregnado do contexto e as relações geopolíticas de uma determinada geração. Por isso é difícil perguntar como fazer a máquina funcionar para as pessoas que manuseiam a máquina toda uma vida, com a situação de isolamento por causa da pandemia de covid-19 ver o movimento de relação corpo-máquina é impossível, é sempre parcial a forma como consigo captar os movimentos.

Na tentativa, comecei experimentar os gestos e movimentos, lembrar dos seus movimentos e recriar repetindo seus passos, copiando seus movimentos. Nessas tentativas a memória é instrumento que atravessa a prática, por vezes lembrei de brincar escondida com a máquina, copiando os movimentos e gestos de minha avó. Para Mauss (1934) a educação poderia sobrepor se à imitação, as crianças tenderiam a imitar atos bem sucedidos de adultos, ele chama isso de imitação prestigiosa. Pro Ingold (2015 e 2016), copiar é uma forma de participar do movimento, de experienciar a performance da técnica, sentidos as nuncias sem o peso de sua completude ou perfeição. Copiar é também uma expressão de criatividade pois permite uma abertura e engajamento com uma performance da técnica, por consequência experimenta a presença e a atenção e nessa interação brota um jeito específico e particular de relação com a técnica.

Relembrar minha avó Dag costurando é retomar nosso laço fragilizado pela branquitude, seus movimentos de trabalhadora como costureira não é lido como um “atos bem sucedidos” são atos de quem faz o que sabe para conseguir ter o mínimo de uma vida digna na cidade grande, quando criança pedia pra ela me ensinar mexer na máquina mas ela dizia que eu tinha que estudar, ter uma vida diferente.

“Quando precisam mostrar uma família, um jovem ou uma criança, todos os meios de comunicação social brasileiros usam quase que exclusivamente o modelo branco. Freud identifica a expressão do amor

a si mesmo, ou seja, o narcisismo, como elemento que trabalha para a preservação do indivíduo e que gera aversões ao que é estranho, diferente. É como se o diferente, o estranho, pusesse em questão o "normal", o "universal" exigindo que se modifique, quando autopreservar-se remete exatamente à imutabilidade.”

(Maria Aparecida da Silva Bento, 2002, p.6)

Segundo a autora Maria Aparecida Silva Bento (2002), os estudos da antropologia estão em sua maioria voltados para marcar o Negro, e acrescento, Indígenas e Mulheres, os Outros mas nunca marcar o sujeito branco como racializado, parcial e limitado. A branquitude se expressa por símbolos, ações, performatividades, imagens e discursos produzidos por sujeitos brancos, que tem como objetivo marcar os Outros a partir de seus medos, projetando sobre os Outros aquilo que eles não conseguem capturar, fixar. É um dos tentáculos que estrutura o colonial capitalismo e que mantém privilégios econômicos, sociais aos sujeitos que o mantêm.

Os atos bem sucedidos numa situação colonial, é comumente associado aos sujeitos brancos e masculinos, as sujeitas que desviam dessa norma para autopreservar-se copiam, repetem, aprendem padrões, ações brancos e masculinistas a fim de sofrer menos. O processo de branqueamento é mais intenso e complexo que o clareamento de peles, está associado a um ideal de nacionalidade, de homogeneização dos sujeitos, em toda sua multiplicidade de ser e aprender. O apagamento, invisibilização dos Outros é também o apagamento de suas diversas formas de narrar histórias, técnicas, línguas, expressões corporais, performatividade, espiritualidade e práticas de cura e (re)existência. Só depois de adulta, e em uma Universidade Pública, minha avó se sente à vontade em compartilhar comigo suas histórias e técnicas, é preciso pontuar que isso também é consequência de minha insistência em uma relação de amor e cuidado para com ela, elemento que nos foi negado por toda uma jornada de infância e adolescência. A branquitude se insere e se inscreve nas micropolíticas de afeto, nos formas “óbvias” ou como prefiro dizer: naturalizadas de ser e amar.

Para retomar os espaços escuros, pois neles estão inscritos lugares de possibilidade ainda não visitados, a criatividade e a imaginação são instrumentos potentes no processo de aprendizagem. No processo de aprender a manusear a máquina, também escrevia poesias, como presságios do entendimento, não só da máquina como

também das relações com o mundo das mais velhas, há algo de misterioso não só dos movimentos da técnica, mas da própria relação que as mais velhas estabelecem com a máquina e a costura, uma afinidade e companheirismo que transborda a técnica.

“essa destilação da experiência da qual brota a verdadeira poesia, faz nascer o pensamento, tal como o sonho faz nascer o conceito, tal como a sensação faz nascer a ideia, tal como o conhecimento (antecede) a compreensão” (Audre Lorde, 2019, p.44)

A imaginação tem sido uma companhia potente para as pessoas oprimidas e exploradas, a partir dela tem sido possível o deslocamento das normas e das caixas criando outros espaços para o florescimento de aprendizagens libertárias. Segundo bell hooks (2020) “precisamos de imaginação para iluminar aqueles espaços que não são preenchidos por dados, fatos e informação comprovada” p.103, nesse caso a imaginação dos movimentos, gestos foram fundamentais para o alinhamento corpo-máquina.

O que entendemos por educação pode ser muito múltiplo, há várias instâncias da vida que essa ação se apresenta. Podemos falar que educação é o que acontece dentro da escola ou da universidade, ou dentro das nossas casas quando nossa família nos educa, ou também pode ser uma costura lenta e intuitiva, ou ainda uma conversa debaixo do pé de manga. Há algo de singular nesses exemplos amplos que apresentei: todos envolvem pessoas em relação com outras coisas, pessoas com si mesmas, com o ambiente, com o mistério, etc... educação então, é uma prática corpo-geopolítica localizada de relação e, portanto, de movimento.

A educação como prática de liberdade evocado por Paulo Freire (2013) traz uma perspectiva de educação que é imersa no mundo e no cotidiano; para ele as pessoas “se educam em comunhão mediatizados pelo mundo” p. 76 e as aprendizagens que brotam no meio dessa ação são construídas pelo engajamento ativo do aprendiz-mestre ou em seus termos o educador-educandos. Trilhando caminhos junto com Paulo Freire, bell hooks (2017; 2020) elabora uma educação que é ação-processo que puxa a vida pra perto da pele e do corpo, onde não há espaço entre teoria e prática, ambas são corporificadas e por isso engajadas a atentar-se a vida cotidiana e os saberes que brotam dentro dessas práticas.



As relações com as mais velhas, consigo mesma, com o mundo não estão dadas, estão à espreita, à espera de algo... que a faça pulsar novamente, ou como é o caso aqui: sair do fundo da garagem, da memória e trazer pra intimidade do cotidiano tempos-espacos distintos. A máquina em minhas mãos se torna meio, mediadora entre o mundo das mais velhas, e os distintos contextos que eu e máquina ocupamos.

Nesses movimentos de errância, e no enfadonho ato de persistir na tentativa e no erro, os questionamentos sobre os mistérios da máquina borbulhavam no meu corpo, eu não quero apenas aprender a manusear a máquina, quero saber da sua história, saber das mãos que a tocaram...

sento-me aqui, coberta de panos já é inverno no extremo sul do  
brasil, a minha frente a máquina de costura, procurando  
imaginá-las. mulher negra, costurando sozinha no quintal de sua  
casa. mulheres mestizas e pobres costurando com outras mulheres  
nos porões de são paulo. mulher branca nordestina enrolando por  
mais um dia pegar nas costuras com receio do que elas têm a dizer

...

assim como Glória Anzaldúa (2000) imagina escritoras, eu imagino costureiras.

### **Qual o imaginário de quem costura? Quem borda? Qual a cor das mãos que costuram a vida?**

A máquina de costura é uma invenção proveniente do espírito inventido EuroAmericano do final do século XIX, criada e reformulada por homens brancos que queriam mudar o ritmo de produção, mirando produção em larga escala. A máquina de costura gerou revoltas por parte de artesãs, pois modifica drasticamente suas relações com suas produções e os obrigava a trabalhar para terceiros, os proprietários dos artefatos tecnológicos de produção em larga escala. A máquina de costura chega no Brasil, por volta do início do século XX com a imigração Europeia favorecida pelo Estado, imigração essa que tinha como objetivo principal o clareamento da população brasileira (MONTELEONE, 2019) . O ideal de branquitude é costurado ao tecido que constrói e reafirma gênero e feminilidade, isso fica explícito nas propagandas, no

direcionamento do público alvo de venda das máquinas de costura e a construção de um ideário de mulher e de quem produz e se alinha a essa técnica. Quando falo que minha avó é costureira, ou mesmo que costuro a imagem em contraste é da uma mulher, branca, burguesa, que trabalha apenas no ambiente doméstico, que ama e cuida dos filhos, singela e muito delicada. O padrão das propagandas de máquina de costura do século XX são mulhere brancas, com longos vestidos bufantes ao seu lado crianças, quando aparece meninos demarcados pelas vestimentas de blusa e calça os olhos miram para o artefato tecnológico máquina de costura, já as meninas demarcado também pelos vestidos bufantes e cor de rosa miram para a mão, linha, agulha e tecido. Por vezes aparecem animais nessas propagandas, há um certo fascínio em seus olhares ao observar as interações com as máquinas.

A produção de um discurso inserido como normativo entra em conflito com o saber da experiência vivida, vista nos jornais, às 17h quando o sinal da fábrica bate e sai de lá mulheres pobres e racializadas, as fotos de trabalho de minha avó. O que mais interessa aqui, é explicitar o que essa narrativa da máquina de costura mais do que mostra, o que ela esconde.

“violência epistêmica é o projeto remotamente orquestrado, vasto e heterogêneo de se construir o sujeito colonial como Outro. Esse projeto é também a obliteração assimétrica do rastro desse Outros em sua *precária Subje-tividade*” (Gayatri Spivak , 2020, p.60)

Aos Outros é destinada uma representação unilateral, onde não há espaços para criatividade, ação e ciência; sua subjtetividade é negada. Para tensionar o exemplo posto pela propaganda apresento uma breve história que reafirma o argumento de invisibilidade da história e das relações de afeto para com pessoas Não brancas, exemplos que buscam tensionar a branquitude e a feminilidade.

João Candido, também conhecido como Almirante Negro, é um dos protagonistas da Revolta da Chibata. A revolta da chibata tinha como questão central a eliminação de práticas de tortura dentro da marinha, práticas estas que adivinha do período historico colonial, onde a escravidão era uma prática legitimida pelo Estado, Igreja e pela Elite, os trabalhadores da marinha era em sua maioria homens Negros, Pardos e Indigenas, e a eles era acometido mesmo depois do fim da escravidão que foi em 1988 a Lei Aurea, chibatadas casos eles não compreisse a regra dos de cima. Naquela época, o espírito inventido chega em terras pindoramas e como maneira de evidenciar o acompanhamento dos acontecimentos Europeus, a marinha comprou canhões ingleses para proteger a Nação, não que houvesse chance de ter uma guerra e a necessidade de

ter canhoes apontados para o mar mas pra mostrar que o Brasil tambem poderia ter poder bélico. Em uma noite, os marujos se reuniram e decidiram: Não dá mais! Devemos ir contra a esse sistema que nos esta sendo imposto, não existe mais escravidão, é Lei! Devemos exigir nossos direitos de ser tratados como seres humanos. No calar da noite eles apontaram os canhoes ingleses pro palácio do Catete, que naquela época era o auge do poder do Estado e exigiram: ou vocês param com essas práticas ou vamos atirar na cidade. Foi um fussyê aquele dia, a cidade acordou alerta. As elites brancas que nunca pensaram que os trabalhadores iriam se organizar e agir, o fato é que a revolta e o fussyê girou por dia. Um dos marujos que ficou conhecido e ganhou destaque nos jornais foi o Marujo Negro, João candidato, nasceu no Rio Grande do Sul, se alistou na marinha e foi trabalhar no Rio de Janeiro como marinheiro. Ele tinha uma relação muito amorosa com o mar, dizem que ele era marinheiro excepcional, sua habilidade com as velas e os nós persistiram por entre os tempos, pessoa de muita garra, luta e amor. Acontece, que a história desanda quando alguns marujos se alinharam aos comandantes e armaram uma emboscada, com a traição dos companheiros e principalmente do Estado que aceitou as demandas da Revolta, mas que com medo desse tipo de demanda para com o Estado não se repetisse, o Estado brasileiro reprimiu fortemente os marujos. João Cândido foi preso com mais deseseis marujos, ao chegarem na pressão as paredes estavam recém pintadas de Cal, João Candido viu seu companheiro morrer asfocado, não se sabe como ele sobreviveu pois além de sobreviver, novamente ele agiu. Enquanto estava só naquela prisão ele bordava, bordava muito, os relatos que emergem 100 anos após o acontecido e de que ele viveu essa fase bordando. Para lidar com a situação foi um ponto atrás do outro que tinha como objetivo contar uma história, ou apenas provocar sentimento, esses bordados chegaram em minhas mãos por que ele foi exposto na 34º Bienal de São Paulo, a maioria de seus bordados se perdeu como o íntimo do cotidiano de suas histórias, mas esse fragmento nos mostra como ele enfrentou suas duras jornadas. É importante pontuar como a investida de construir um imaginário de héroi de João Cândido oblitera sua intimidade com o mar, linha, tecido e nós. Sua história é amplamente estudada e contada, no entanto, um elemento que desvia do que se espera de um homem Negro, narrado em sua época como expremamente perigoso contrasta com sua sensibilidade, aspecto que humaniza o sujeito, que dá densidade a um sujeito histórico e fundamental para o avanço das exigencias de uma vida digna para todos (CARVALHO, 2006).

## Conclusão

Arte e Artesania tecem a vida de pessoas não brancas e não européias, a imensidão de suas criatividades e resistências não cabem em palavras, tentativa de nomear suas existência é insistentemente limitada e por isso potente. Retomar a relação

com pessoas de múltiplos tempos que teceram como cura, instrumentaliza a busca pelo entendimento como cura de um espírito desinformado pela branquitude e branqueamento de peles, hábitos, trajetos e línguas (hooks, 1994). Possibilitando aprender com os caminhos que trilhamos na busca de alinhamentos sempre desajustados e contraditórios. A máquina de costura evoca e traz pro cotidiano uma habilidade técnica e dela brota a possibilidade reflexiva e dialógica com as mais velhas e com histórias mal ditas. A costura assim, extrapola a técnica e se transforma no habitar da habilidade, instrumento de resgate de histórias, pessoas, coisas, trajetórias, etc. O alinhamento é uma presença insistente das coisas, das pessoas e das narrativas.

## REFERÊNCIAS

- Anzaldúa, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, SC, vol.8, nº1, p.229; 236, setembro, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Acesso em: 10/12/2021.
- Evaristo, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. Organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes. Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.
- hook, bell. Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade; tradução Marcelo Brandão Cipolla. 2ª edição. São Paulo: Editora WM Martins Fontes, 2017.
- hooks, bell. Ensinando pensamento crítico: sabedoria na prática; tradução Bhuvan Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.
- Ingold, Tim. Antropologia e/ou como educação; tradução Vitor Emanuel Santos Lima, Leonardo Rangel dos Reis. Rio de Janeiro: Vozes, 2020.
- Lorde, Audre. Irmã Outsider; tradução Stephanie Borges. Minas Gerais: Autêntica, 2019.
- Mauss, Marcel. Sociologia e Antropologia; tradução Paulo Never. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- Spivak, Gayatri. Pode o subalterno falar?; tradução Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira. Minas Gerais: Editora UFMG.
- Walkerdine, Valerie (1995) “O Raciocínio em Tempos Pós-Modernos” In *Educação e Realidade*, vol.20, nº 2, p.207-226.
- Freire, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

